

Queixam-se armadores de Matosinhos

Pesca na nossa costa deixou de ser rentável

Durante o dia de ontem, foi vendido na lota de Matosinhos, o pescado, que aguardou alguns dias, nos porões do arrastão «Gonçalves Zarco», a solução do conflito laboral que opunha o armador daquele navio vianense às entidades sindicais. Foram vendidas cerca de 681 caixas de chicharro, rendendo a quantia de 1 386 986\$00.

Em contrapartida, seis arrastões daquele porto, «Avô Ribau», «Beira-Litoral», «Beira-Vouga», «Tristão» e «Tiago da Cunha», puseram à venda o produto da sua faina marítima, 500 caixas de «verdinhos», conseguido no arrasto por eles efectuado junto à nossa costa.

Recorde-se que, como já referimos na nossa última edição, foram exactamente estes fracos resultados piscatórios, que levaram Luís da Câmara Leme, armador da embarcação vianense, a procurar as águas mais afastadas da nossa costa, optando por pescar no norte de Espanha. Aliás, «Gonçalves Zarco», é um dos navios beneficiados pelo acordo de pescas luso-espanhol assinado entre os dois governos, o que lhe permite operar fora dos nossos limites territoriais.

Contactado por nós, João Grilo,

um dos responsáveis dos serviços administrativos da lota de Matosinhos, afirmou-nos que as quantidades de peixe trazido pelos arrastões daquele porto se encontram em redução acelerada, pois, se há seis meses eram arrecadadas para cima de duas mil caixas diárias de pescado, rendendo de 2 mil a 4 mil contos, hoje em dia, mal consegue ascender a mil caixas que vendidas, perfazem à volta de 500 ou 600 contos. Aliado a isto, a própria qualidade dos espécimes marítimos, também se encontra em franca decadência; de chicharros, carapaus e outros peixes rentáveis, os «verdinhos»

passaram a ser o resultado normal das actividades piscatórias.

LUCRO NEM DÁ PARA PAGAR A GASOLINA

Com esta situação das peças na costa portuguesa, chega-se a situações caricatas de muitas das vezes os pescadores nem conseguem contabilizar um lucro que lhes dê para cobrir os gastos da gasolina, o que certamente poderá vir a obrigá-los a pararem os barcos.

Perante tal, a única solução que

lhes ocorre, e a exemplo do que já fez o «Gonçalves Zarco», é a de procurar as águas espanholas ou marroquinas para operarem, o que por seu turno prejudica as frotas do arrasto de Matosinhos.

Segundo nos afirmou João Grilo, já são muitos os armadores que neste momento têm acordos com marroquinos e espanhóis para pescas nas suas costas, num tipo de sociedade de capitais mistos. Quanto às vendas, em virtude de Matosinhos ficar bastante distanciado do seu campo de operações, eles são efectuadas nos portos algarvios ou em Lisboa.

Comércio do Porto

JORNAL CENTENÁRIO SEMPRE ACTUAL

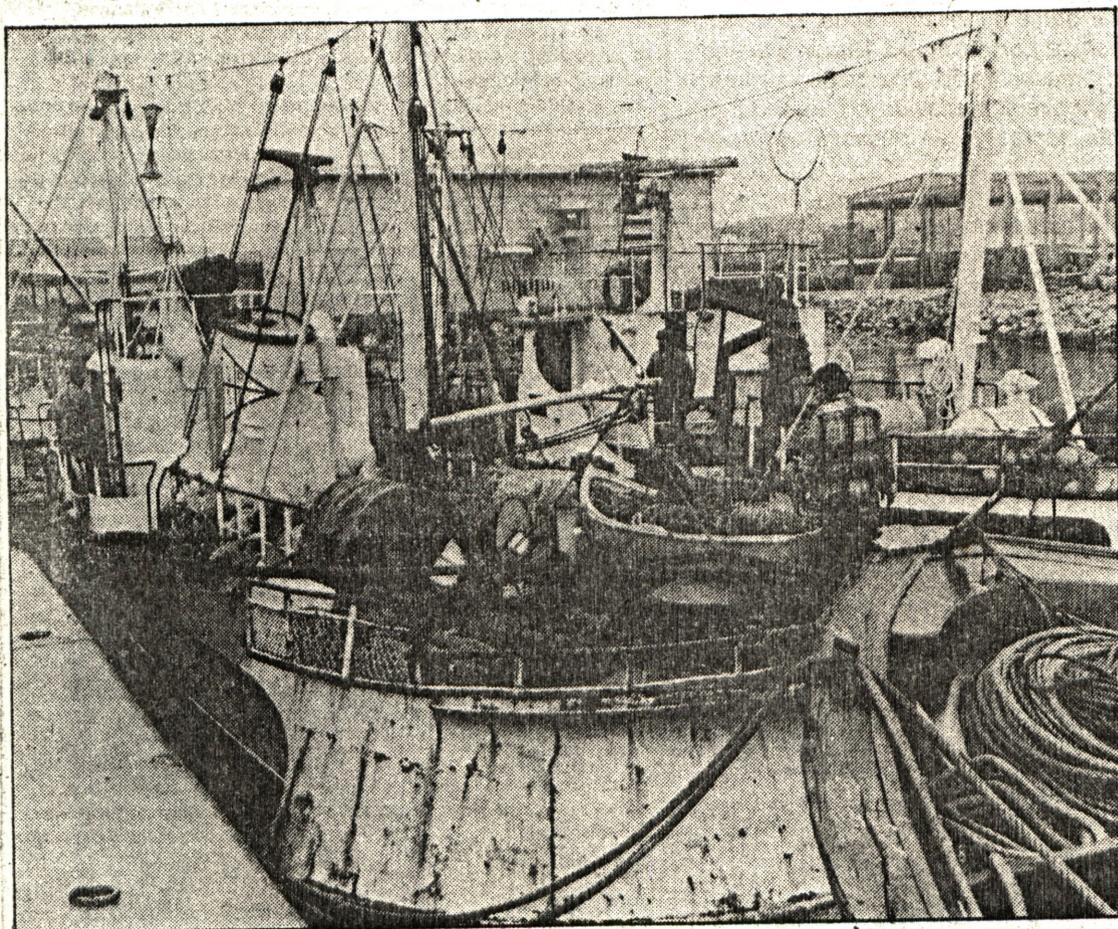


PORTE
PAGO

DIRECTOR: MANUEL TEIXEIRA

Quinta-feira, 16 de Dezembro de 1982

TELEFS. REDE. 21021/2/3 - END. TELEGR.: COMÉRCIO - TEL



**FAINA
DEIXOU
DE SER
RENTÁVEL**

ARMADORES DE MATOSINHOS NÃO PESCAM PARA COMER

Ler notícia na página 10

Ler notícia na página 6

Arrastão vianense pôde descarregar

Lota de Matosinhos volta a ter peixe

Após uma longa reunião decorrida na tarde de ontem, foi desbloqueada a situação de impasse que desde sexta-feira opunha o armador do arrastão «Gonçalves Zarco», da praça de Viana, aos pescadores de Matosinhos, impedindo a descarga e venda do pescado contido nos porões daquele navio.

Recorde-se que, com o peixe a rarear no mercado, e com a frota de arrastões de Matosinhos imobilizada nos seus ancoradouros em virtude do mau tempo, cerca de 22 toneladas de peixe corriam o perigo de apodrecer por causa do boicote que era feito por parte dos pescadores de Matosinhos ao armador do «Gonçalves Zarco», Luís da Câmara Leme, acusado de não respeitar o CCT, que estipula serem os domingos e feriados dias de descanso.

Para Luís da Câmara Leme, a depreciação continua a que se encontram sujeitos os cardumes de peixe junto à costa portuguesa faz com que a pesca nessas zonas deixe de ser rentável, havendo necessidade de procurar novas formas de abastecimento. A solução lógica seria um afastamento ainda maior da costa, na procura de zonas menos vitimadas pela falna piscatória.

Assim, o «Gonçalves Zarco», um barco bastante moderno, em funções desde 4 de Setembro, decidiu começar a pescar em zonas afastadas da costa cerca de 45 horas o que implica viagens de 6 dias, sem serem interrompidas aos fins-de-semana. A tripulação aceitava este sistema «sacrificando» os dias normais de descanso, que eram depois gozados oportunamente. Seria exactamente esta situação que o Sindicato não aceitava, tudo fazendo para impedir o circular normal do seu pescado na lota de Matosinhos, o que limitava a sua venda normal ao porto de Viana de Castelo.

Quando às primeiras horas de sexta-feira o «Gonçalves Zarco» aportou em Matosinhos com os porões carregados, gerou-se uma nova situação de conflito, que se chegou a consumir em desaccatos entre a sua tripulação, e os membros do arrastão «Tritão», situação essa que se havia de prolongar até ao fim da tarde de ontem, altura em que representantes dos Sindicatos dos Pescadores do Porto e Lisboa, se sentaram à mesa com os representantes do navio em questão, e chegaram a uma plataforma de entendimento.

Pelo acordo, embora o sistema até agora utilizado pelo «Gonçalves Zarco» não continue em vigor, outro sistema compensatório que permita o mesmo tipo de falna virá a ser posto em prática.

Com isto, Luís da Câmara Leme verá abrirem-se-lhe novamente os portos que até agora via vedados, e que para ele representavam uma perspectiva de boas vendas, limitando-o ao mercado de Viana do Castelo, que, por ser diminuto, não conseguia absorver as quantidades de pescado trazidas pelo arrastão, diminuindo em cerca de 60%, relativamente a Matosinhos, o seu preço.

Para já, na doca de Matosinhos, assiste-se ao descarregar da carga do navio, que avallada em cerca de dois mil contos, certamente que, com a quantidade de peixe estragado, e com o preço variado a que será vendido ver-se-á reduzida a metade.

**ARRASTÃO DE VIANA
JÁ PÔDE DESCARREGAR
PEIXE EM MATOSINHOS**

Página 14

**PETRÓLEO EM PORTUGAL:
ILUSÕES DESFEITAS**

Página 4

**PÃO E GASOLINA
AUMENTAM
PRINCÍPIO DO ANO**

Página 6

MATOSINHOS

Nenhuma embarcação da frota de traineiras e cercadeiras da pesca da sardinha saiu ontem para o mar devido ao temporal. Por outro lado, dos nove arrastões inscritos em Matosinhos apenas dois procederam à faina piscatória, um dos quais por ter sido «surpreendido» em alto mar pela intempérie. Entretanto, um arrastão costeiro da praça de Viana do Castelo arribou a Leixões por não poder entrar no seu porto, também devido ao mau tempo. Carregada com cerca de 22 toneladas de peixe, a embarcação aguarda que o tempo melhore para retornar a Viana. De contrário, o seu armador tentará vender o peixe em Matosinhos, devendo para tal arrostar com a habitual discórdância dos pescadores desta lota.

— Ler notícia na página 11 —

BARCOS EM TERRA DEVIDO AO TEMPORAL



o Porto

RE ACTUAL



PORTE
PAGO

Sábado, 11 de Dezembro de 1982

TELEFS. REDE. 21021/2/3 - END. TELEGR.: COMERCIO - TELEX: 2

Mau tempo «atracou» frota de Matosinhos

Traineiras e arrastões não se fizeram ao mar

• Embarcação de Viana arribou a Leixões

Sete das nove embarcações que constituem a frota de arrastões de Matosinhos ficaram ontem em terra devido às más condições do mar. Por outro lado, a frota de traineiras e cercadeiras, para pesca da sardinha, não registou qualquer saída para a faina piscatória.

Efectivamente, na madrugada de quinta para sexta-feira somente o arrastão «Tritão» se afoitou ao mar, uma vez que se trata de uma embarcação de grandes dimensões e de construção recente. Um outro barco, o «Facho», procedeu igualmente ao arrasto porque se encontrava já no mar quando as condições de intempérie foram consideradas perigosas. Confiando na solidez da embarcação, o mestre decidiu manter-se no mar alto, e regressar ao princípio da noite de ontem.

Os sete arrastões paralisados deverão retomar a faina amanhã à noite, caso o temporal tenha amainado.

Entretanto, a exemplo do que aconteceu no dia 30 do mês passado, o arrastão costeiro «Gonçalves Zarco», da praça de Viana do Castelo, rumou ontem para Leixões, desta vez por causa do mau tempo. A presença desta embarcação em Matosinhos levanta novamente apreensão no meio dos pescadores que, uma vez mais, se propõem impedir a venda das cerca de 22 toneladas de peixe transportado a bordo.

Recorde-se que o «Gonçalves Zarco» havia fundeado em Leixões, no último dia de Novembro, a fim de vender as 700 caixas de peixe pescado durante o fim-de-semana, na lota de Matosinhos, onde os preços eram, na altura, superiores aos

praticados em Viana. Os pescadores de Matosinhos, contudo, impediram a sua venda, alegando que o «Gonçalves Zarco» não respeitava o contrato colectivo de trabalho, uma vez que trabalhava de modo contínuo sem parar ao fim-de-semana. Somente ao cabo de demoradas conversações, conforme então noticiámos, o armador do arrastão vianense conseguira vender o seu pescado.

Desta vez, a situação apresenta algumas variantes mas ameaça originar idêntico conflito. Com efeito, o «Gonçalves Zarco» arribou a Leixões por não ter conseguido entrar no porto de Viana devido à intempérie. No entanto, como carrega nos seus porões cerca de 700 caixas de peixe, o armador não põe de parte a hipótese de o vender na lota de Matosinhos, já que o produto pode vir a deteriorar-se ou perder qualidade se não for despachado brevemente.

Os pescadores, contudo, definiram já a sua posição de recusa em relação a tal, mostrando-se desde já dispostos a impedir a venda efectiva do peixe do «Gonçalves Zarco». Como da outra vez, alegam o não cumprimento do CCT por parte daquele armador.

Para já a situação mantém-se estacionária, aguardando-se que as condições do mar melhorem e permitam o regresso do arrastão a Viana. Caso isto não aconteça e o peixe apresente indícios de deterioração, o armador do «Gonçalves Zarco» poderá decidir vender o peixe em Matosinhos, arrostando com o desacordo dos pescadores.

Em causa a venda de peixe
proveniente de Viana do Castelo

Arrastões de Matosinhos não saíram para o mar

• Hoje à noite a faina é retomada

Os pescadores de Matosinhos recusaram-se anteontem à noite a ir para o mar, como forma de protesto contra a venda, naquela lota, de peixe proveniente de Viana do Castelo.

A situação teve origem ao fim da tarde de domingo, com a chegada por camioneta, de mais de 700 caixas de peixe pescado durante o fim-de-semana pelo arrastão costeiro «Gonçalves Zarco», inscrito na praça de Viana. De salientar que esta embarcação é, talvez, a única no género que mantém contrato com a tripulação em que estipula o trabalho ao fim-de-semana, utilizando para o efeito um sistema de folgas rotativas.

Neste fim-de-semana, contudo, como considerasse os preços da lota de Viana demasiado baixos, o armador do «Gonçalves Zarco» decidiu enviar para Matosinhos o peixe capturado no intuito de conseguir melhores preços. Efectivamente, as cerca de 20 toneladas de peixe começaram a chegar a Matosinhos ao fim da tarde de domingo, dentro da legalidade, uma vez que os serviços de Lota e Vendagem o permitiam.

No entanto, os pescadores que daí a algumas horas deviam sair para a faina sentiram-se lesados com a chegada do peixe de Viana, alegando que o «Gonçalves Zarco» andava fora das normas. Como tal, protestaram contra a venda e chegaram inclusive a impedir a sua transacção de forma bastante ruidosa.

Os responsáveis pela lota propuseram então um diálogo com os pescadores discordantes e conseguiram explicar-lhes que, na verdade, a venda daquele peixe lesava os seus interesses.

Nesta altura, porém, apesar de concordarem já com o novo ponto de vista, os pescadores não puderam sair para o mar, uma vez que a hora própria para isso já tinha passado há muito.

Deste modo, a faina será retomada hoje à noite, encontrando-se a situação absolutamente normalizada. O peixe, chicharro na sua totalidade, rendeu cerca de 700 contos, o que constitui aproximadamente metade do seu valor se tivesse sido vendido na altura devida.

